



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas

**Atena**
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-377-4 DOI 10.22533/at.ed.774190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar nas discussões referentes ao ensino linguagem na escola significa criar as possibilidades de reflexão aos sujeitos em uma proposta interacional com as mudanças que ocorrem constantemente na sociedade.

A identidade deste livro caracteriza os trabalhos organizados como necessários ao processo de formação dos indivíduos. Sendo assim, nesta coletânea são apresentados quarenta estudos aos interlocutores atentos com as mudanças literárias, artísticas e sociais.

No primeiro capítulo, os autores compreendem as estratégias de incentivo à leitura de professores de Língua Portuguesa, de vários níveis da educação básica e com diferentes períodos de atuação. O segundo capítulo, por sua vez, discute e analisa o poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significação simbólica no poeta. No terceiro capítulo, os autores identificam e estudam as danças e folguedos tradicionais brasileiros a partir da temática gênero.

A autora do quarto capítulo analisa a aprendizagem da escrita em português do sujeito surdo e as implicações na trajetória social. No quinto capítulo, o gênero textual Capa de CD é analisado pelos autores e no sexto capítulo o autor define discursivamente o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho com as abordagens de outros linguistas.

No sétimo trabalho, os autores discutem e refletem sobre as questões ortográficas no ensino do texto, perpassando por todas as etapas da feitura textual, além disso, analisam algumas produções. No oitavo capítulo, as autoras abordam a importância do professor na alfabetização das crianças de três a nove anos, sendo observada a necessidade do uso da fonética e fonologia no aprendizado do aprendiz. O autor do nono capítulo analisa a interação multilateral no ensino presencial mediado pela tecnologia do gênero discursivo digital videoconferência em aulas de linguagens para o ensino médio.

No décimo capítulo, os autores analisam a linguagem dos alunos em atividades de escrita colaborativa em um blog educacional para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. No décimo primeiro capítulo, as autoras intencionam trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como pretendem lançar alguns olhares sobre a adolescência, etapa delicada na formação do sujeito. No décimo segundo capítulo, as autoras apresentam resultados parciais de uma pesquisa cuja finalidade parte da avaliação de uma unidade didática à luz dos gêneros textuais.

No décimo terceiro capítulo, a autora estabelece um diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de leitura de textos em língua materna. As autoras do décimo quarto capítulo analisam o vínculo intersemiótico de texto multimodal, em uma seção de leitura de um livro didático de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental. No décimo quinto capítulo, as autoras analisam as repercussões

que as avaliações externas apresentam na rotina da equipe pedagógica.

As autoras do décimo sexto capítulo compreendem o estabelecimento de um diálogo entre as mídias digitais e a formação do leitor. No décimo sétimo capítulo as autoras descrevem e analisam uma unidade didática do livro didático de Língua Estrangeira do Estado do Paraná para o ensino médio. No décimo oitavo capítulo o autor analisa as interações culturais entre cristãos e pagãos a partir do romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell.

No décimo nono capítulo as autoras abordam o significado de nudez a partir de uma visualidade literária. No vigésimo capítulo, os dicionários monolíngues de aprendizes são o foco de análise e investigação. No vigésimo primeiro capítulo, os autores investigam a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

No vigésimo segundo capítulo, os autores transitam entre definir e indefinir o conceito de espaço, ao mesmo tempo, que diferenciam de ambiente. No vigésimo terceiro capítulo são identificadas e analisadas algumas semelhanças e diferenças entre a obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. No vigésimo quarto capítulo a autora problematiza as danças de fanfarras, a partir de uma leitura crítico-reflexiva.

No vigésimo quinto capítulo é feita uma breve leitura analítica e interpretativa da narrativa do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. No vigésimo sexto capítulo uma análise de representações visuais é apresentada ao leitor. No vigésimo sétimo capítulo, os autores analisam, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante.

No vigésimo oitavo capítulo é apresentado um estudo sobre as estratégias de polidez linguística no discurso político de candidatos a prefeitos do município de Mocajuba. No vigésimo nono capítulo as autoras comungam de concepções discursivas advindas da Análise do Discurso e dos estudos culturalistas. No trigésimo capítulo, os autores problematizam o uso da internet a partir das habilidades de leitura e escrita.

No trigésimo primeiro capítulo, os autores relatam um projeto de extensão, com a função valorizar a cultura gaúcha, disseminado e promovendo-a entre a comunidade acadêmica. No trigésimo segundo capítulo, as autoras refletem sobre uma proposta de material didático pautada na observação dos usos da língua. No trigésimo terceiro capítulo, as autoras verificam a força das questões culturais, dos mitos, dos coloridos da mata em uma proposta interdisciplinar a partir de uma letra de canção.

No trigésimo quarto capítulo, a autora discute a temática letramento na concepção da aprendizagem semiótica. No trigésimo quinto capítulo a autora apresenta uma estratégia de aprendizagem de comprovado êxito em uma instituição escolar, localizada no município de Três Lagos – MS. No trigésimo sexto capítulo investigam-se as relações existentes entre a psicanálise e literatura, como o inconsciente desvela-se no discurso literário, tendo como *corpus* algumas obras literárias de Clarice Lispector.

No trigésimo sétimo capítulo, os autores discutem a formação da identidade

literária juvenil a partir de uma constituição poética. No trigésimo oitavo capítulo, a autora investiga através de trabalhos publicados como a ANPOLL promove um diálogo multicultural entre Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. No trigésimo nono capítulo averigua-se o percurso da figuração do estrangeiro em dois romances e, por fim, no quadragésimo capítulo, os autores contribuem reflexivamente com o ensino de gêneros textuais na modalidade escrita nas aulas de língua estrangeira e, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo os autores associam o uso da plataforma Facebook em um processo dialógico destino aos alunos no contexto contemporâneo escolar.

Todos os autores ampliam as reflexões presentes nesta obra e revelam as razões de demonstrarem os conhecimentos aos interlocutores desta coletânea. Assim, esperamos que os leitores encontrem nos variados trabalhos os questionamentos capazes de problematizar outros e novos conhecimentos.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ELES NÃO GOSTAM DE LER”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Isabela Giacomini	
Laila Wilk Santos	
Lucas Arruda Tacla	
Theodora Rosskamp Kalbusch	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.7741905061	
CAPÍTULO 2	17
‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO	
Vitor Hugo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7741905062	
CAPÍTULO 3	28
“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS	
José Roberto do Nascimento Junior	
Ana Cecília Vieira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7741905063	
CAPÍTULO 4	36
A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO SUJEITO SURDO	
Miriam Maia de Araújo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905064	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E ARTE: UMA ANÁLISE DA CAPA DO CD CORAÇÃO DE JOHNNY HOOKER	
Renan da Silva Dalago	
Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.7741905065	
CAPÍTULO 6	57
A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Adílio Junior de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7741905066	
CAPÍTULO 7	70
ORTOGRAFIA NO ENSINO DO TEXTO	
Ivan Vale de Sousa	
Maria Elizete Melo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905067	

CAPÍTULO 8	82
A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 3 A 9 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Letícia Saminez da Silva Jaina Milhomem Rezende Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7741905068	
CAPÍTULO 9	93
A INTERAÇÃO MULTILATERAL NO ENSINO DE LINGUAGENS MEDIADO PELA TECNOLOGIA DO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL VIDEOCONFERÊNCIA	
Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.7741905069	
CAPÍTULO 10	108
A LINGUAGEM DOS ALUNOS NA ESCRITA COLABORATIVA EM <i>BLOG</i> EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Jaqueline Silva Santos Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.77419050610	
CAPÍTULO 11	124
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES	
Maria Rute Depoi da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050611	
CAPÍTULO 12	132
ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ABORDAGEM PELOS GÊNEROS TEXTUAIS	
Luci Piletti Niedermayer Carmen Teresinha Baumgartner	
DOI 10.22533/at.ed.77419050612	
CAPÍTULO 13	144
ANÁLISE DO DISCURSO E FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliana Alves Greco	
DOI 10.22533/at.ed.77419050613	
CAPÍTULO 14	151
APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NA ANÁLISE DE UM TEXTO MULTIMODAL	
Jeniffer Streb da Silva Noara Bolzan Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77419050614	
CAPÍTULO 15	159
AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E SUAS REPERCUSSÕES NA ROTINA DA EQUIPE PEDAGÓGICA	
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro Priscila Adriana Silva Sacramento Janaína Arostilde Belmiro	
DOI 10.22533/at.ed.77419050615	

CAPÍTULO 16	172
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes Elizangela Silva de Sousa Moura Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.77419050616	
CAPÍTULO 17	182
AS FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Eliana Santiago Gonçalves Edmundo Ana Paula de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050617	
CAPÍTULO 18	199
AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE VIKINGS E SAXÕES DO OESTE NA OBRA O ÚLTIMO REINO DE BERNARD CORNWELL	
Lucas Luiz Oliveira Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050618	
CAPÍTULO 19	208
ATRAVÉS DE LINHAS E MANCHAS PULSAM AS SENSações: A PINTURA DE LUCIAN FREUD E O DESNUDAMENTO DO SER	
Rochele Maria Borelli Bernadette Maria Panek	
DOI 10.22533/at.ed.77419050619	
CAPÍTULO 20	220
CAPACIDADES E LIMITAÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE APRENDIZES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.77419050620	
CAPÍTULO 21	236
“CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ : A TEORIA DAS PERSONAGENS	
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo Milena Menezes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77419050621	
CAPÍTULO 22	245
DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM <i>CABIDELIM</i> , <i>O DOCE MONSTRINHO</i> , DE SYLVIA ORTHOF	
Luciana Petroni Antikeira Chirzóstomo Wagner Corsino Enedino	
DOI 10.22533/at.ed.77419050622	
CAPÍTULO 23	255
DA LITERATURA PARA O CINEMA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA A HORA DA ESTRELA	
Ray da Silva Santos Débora Wagner Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050623	

CAPÍTULO 24	270
DANÇAS DE FANFARRAS: UMA LEITURA CRÍTICA	
Erika Kraychete Alves	
DOI 10.22533/at.ed.77419050624	
CAPÍTULO 25	274
DECADÊNCIA E MEMÓRIA EM LEITE DERRAMADO, CHICO BUARQUE	
Dulce Maurilia Ribeiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.77419050625	
CAPÍTULO 26	287
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Eni Abadia Batista	
DOI 10.22533/at.ed.77419050626	
CAPÍTULO 27	304
ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO	
Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira	
Paloma Veras Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050627	
CAPÍTULO 28	317
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NO DISCURSO POLÍTICO DE CANDIDATOS A PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA-PA	
Elber José Alves Corrêa	
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.77419050628	
CAPÍTULO 29	328
ÍNDIO SURDO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SUAS (DES)IDENTIFICAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO	
Michelle Sousa Mussato	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050629	
CAPÍTULO 30	343
INTERNET, LEITURA E ESCRITA:UM DESAFIO MEDIADO PELO PROFESSOR DE LÍNGUA ADICIONAL	
Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti	
Virginia Ponche Barbosa	
Alessandro Carvalho Bica	
DOI 10.22533/at.ed.77419050630	

CAPÍTULO 31	352
INVERNADA ARTÍSTICA CHÃO BATIDO – CULTIVANDO A TRADIÇÃO GAÚCHA: UM PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO EM 2016	
<p>Ana Paula Palharini Daniel Verbes Padilha Deise Pieniz Casagrande Maico Mantovani Tolfo Mylla Keenan Acosta Maiara Bertl</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050631	
CAPÍTULO 32	356
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERFACE DOS GÊNEROS DIGITAIS E DA MULTIMODALIDADE	
<p>Nágida Maria da Silva Paiva Iara Ferreira de Melo Martins Ana Cláudia Soares Pinto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050632	
CAPÍTULO 33	369
LETRA DA CANÇÃO: “SAGA DA AMAZÔNIA”: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR	
<p>Márcia Antonia Guedes Molina Valéria Angélica Ribeiro Arauz</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050633	
CAPÍTULO 34	382
LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA	
<p>Áurea Maria Brandão Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050634	
CAPÍTULO 35	392
LITERATURA E OUTRAS ARTES: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	
<p>Vitória Regina Xavier da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050635	
CAPÍTULO 36	406
LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR	
<p>Ray da Silva Santos Sara Goretti Ferreira Daiane Menezes Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050636	
CAPÍTULO 37	419
LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE EM “ <i>CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO</i> ”: CONHECENDO A SI ATRAVÉS DO OUTRO	
<p>Eliene da Silva Dias Diógenes Buenos Aires Sandra Helena Andrade de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050637	

CAPÍTULO 38	431
MAPA DE INSTITUIÇÕES LINGUÍSTICO-LITERÁRIAS NA REVISTA DA ANPOLL	
Mariana Argolo Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050638	
CAPÍTULO 39	443
MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA	
Aina de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77419050639	
CAPÍTULO 40	456
MATERIAIS DE PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA – ELE A ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Carlos Eduardo da Silva	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.77419050640	
CAPÍTULO 41	468
AS FACETAS DA CONTEMPORANEIDADE. O DIALOGISMO DIGITAL PARA OS ALUNOS: O FACEBOOK E A POESIA VIRAL	
Regimário Costa Moura	
Ana Cristina dos Santos	
Raquel Araújo Luna	
Rideusa Caroline Correia do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.77419050641	
SOBRE O ORGANIZADOR	476

MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA

Aina de Oliveira Rocha

RESUMO: O projeto averiguou o percurso da figuração do estrangeiro nos romances *Hanói*, de Adriana Lisboa, e *Amrik*, de Ana Miranda. O suporte teórico-metodológico fundamentou-se na Literatura Comparada e nos Estudos Pós-Coloniais. Destarte, foi possível reconhecer que as duas narrativas testemunham, cada uma a seu modo, a trajetória de estrangeiros cuja vida errante, nômade e diaspórica projeta o deslocamento pelas culturas libanesa, americana, vietnamita e mexicana, montando um mapa do encontro entre o próprio e o alheio na literatura brasileira contemporânea. Através da análise literária dos romances, fica evidente o desafio de ampliar o estudo da figuração do estrangeiro, tendo em conta observar que a presença de outro não é um mero exercício de retórica, mas sim convite à cartografia da alteridade. Por conseguinte, o estrangeiro figurado, em *Amrik* e *Hanói*, é oriundo da solidariedade entre regiões culturais que partilham dos trânsitos linguísticos, identitários e estéticos.

RESUME: The project investigated the route of the foreigner's figure in the novels *Hanoi*, by Adriana Lisboa, and *Amrik*, by Ana Miranda. The theoretical-methodological support

was based on Comparative Literature and Postcolonial Studies. Thus, it was possible to recognize that the two narratives testify, each in its own way, the trajectory of foreigners whose nomadic, nomadic and diasporic life projects the displacement by the Lebanese, American, Vietnamese and Mexican cultures, setting up a map of the encounter between itself and the foreigner in contemporary Brazilian literature. Through the literary analysis of the novels, the challenge of expanding the study of the figure of the foreigner is evident, making it evidente that the presence of the other is not a mere exercise of rhetoric, but rather an invitation to cartography of otherness. Therefore, the figured foreigner in *Amrik* and *Hanoi* comes from solidarity between cultural regions that share linguistic, identity and aesthetic transits.

INTRODUÇÃO

As investigações sobre a Literatura Brasileira Contemporânea em perspectiva comparada têm sido constantes no âmbito dos Estudos Literários, fortalecendo o itinerário dos laços dialógicos entre teoria, crítica e comparativismo. Sendo assim, a presente pesquisa analisou os romances *Amrik*, de Ana Miranda, e *Hanói*, de Adriana Lisboa.

Os dois romances foram compreendidos

como lugares onde aparecem cartografados os encontros interculturais entre personagens estrangeiras na teia da cultura brasileira contemporânea. Tal concepção nasceu do princípio de que os romances das autoras elaboram o percurso da figuração de poéticas transmigrantes através da cartografia das errâncias e das des(re)territorializações interplanetárias. Nesse sentido, os narradores e personagens das duas narrativas partem em direção a outros imaginários para habitar o território estranho, experimentando os limiares da língua, cultura e experiência através da fricção pós-colonial. As cenas do deslocamento dão o tom do movimento de alteridades que percorrem a ficção de Miranda e Lisboa para disseminar os vestígios da fragmentação e insubmissão à lógica das vontades cartesianas.

Espaços de movência, os textos de Miranda e Lisboa narram a travessia de personagens radicadas no território da alteridade deslocada das centralidades estéticas. São escritas marcadas pela experiência da transmigração do imaginário, exercitando a busca dos fragmentos da diferença, do mapeamento dos paradoxos e dos encontros entre culturas. Outrossim, a atmosfera do movimento consolida uma visão múltipla do gesto articulatório das mentalidades projetadas na diligência comportamental e cultural das personagens, dotando-as de acepções axiomáticas cujas envergaduras contextuais tecem outras diretrizes enunciativas para o percurso da cooperação literária entre Miranda e Lisboa.

Por tal caminho, verifica-se que o estudo das narrativas de Miranda e Lisboa convoca uma postura comparatista diante delas, examinando a dinâmica da alteridade. Ao reconhecer isso, Benjamim Abdala Junior enfatiza que “as articulações comunitárias podem ser de múltiplas ordens e politicamente nos parece importante revelar que o mundo atual é de fronteiras múltiplas e identidades plurais, seja numa perspectiva individual, nacional ou de agrupamentos sociais” (ABDALA JUNIOR, 2012, p. 35). Nessa guinada reflexiva, o comparativismo comporta a abertura necessária para reconhecer o gradativo apagamento da dimensão aurática da homogeneidade, examinando o contexto das interações como marca das especificidades regionais, nacionais e supranacionais.

Como prática desenvolvida a partir de um local específico - o da rede de relações transversais -, o comparativismo contempla, também, o feitio global, congregando em torno de si a condição de lugar de passagem onde o transnacional interfere no trânsito da interpretação de textos, discursos e imagens do contemporâneo. A partir dessas inclinações díspares, ler os contextos da diferença é reconhecer que o acento tônico da investigação comparatista desenvolve-se na cartografia de alteridades próximas e distantes, transitando entre culturas sem fronteiras para traduzir os traços da ocidentalidade paradoxal e da relação dialógica do saber rizomático.

Posicionada entre o movimento de partida e a dinâmica do retorno, a presente pesquisa – intitulada ***mapas do encontro entre o próprio e o alheio – cartografias da alteridade em Ana Miranda e Adriana Lisboa*** fundamentou-se na diretriz analítica da travessia nas produções artísticas brasileiras, sondadas em sua inclinação à fissura,

à fricção e à tensão das cenas transfronteiriças. Máxime multiplicidade dos lugares deslocados de epicentros monotemáticos, a escrita das autoras constituiu porto de reflexão de onde se investigou a polifonia transterritorial figurada na geografia do contato entre o imaginário brasileiro, americano, libanês e vietnamita. Através de vias plurais, a análise da literatura brasileira contemporânea primou pelo investimento contra o raciocínio binário para envidar gestos interpretativos calcados no prazer de traduzir, criticamente, a movência do ser na órbita dos textos literários -, pátrias imaginárias onde o desvio da visão etnocêntrica dá o tom do intercâmbio dos imaginários.

Contumazmente, procurou-se sublinhar que os textos das autoras trazem o movimento como meio para institucionalizar o ritmo das fronteiras do narrar, descrever e testemunhar a experiência de viver em constante deslocamento. A atmosfera da migrância da personagem está fundada, portanto, sobre a tentação do fechamento à atuação dentro do próprio círculo territorial e o apetite à deambulação pela cultura alheia, derivando o estágio relacional da personagem como portadora do signo da estrangeiridade intercultural. Zona de passagem intrincada, as vozes heterogêneas do texto de Ana Miranda e Adriana Lisboa equilibram-se no imaginário híbrido das trocas culturais, imprimindo o ritmo da travessia para o outro lado de si, além do deslocamento pela atmosfera das latências do outro, reposicionada na constelação das mobilidades transmigrantes.

OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS)

A pesquisa esteve alicerçada no objetivo geral:

- Mapear o encontro entre o próprio e o alheio nos romances *Amrik* e *Hanói*, investigando como a figuração das personagens estrangeiras encontra-se organizado discursivamente nas cartografias romanescas de Adriana Lisboa e Ana Miranda.
- Para tanto, o presente trabalho tomou como objetivos específicos:
- Escavar o fluxo das errâncias, o circuito das (des)reterritorializações e a poética relação em *Hanói* e *Amrik*;
- Rastrear as cenas de deriva, o imaginário de deslocamento, as itinerâncias e as zonas de contato *Hanói* e *Amrik*;
- Trançar os encontros, as topografias transculturais e as mobilidades literárias em *Hanói* e *Amrik*.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através da leitura, análise e interpretação dos romances *Amrike* e *Hanói*, identificando como os narradores constroem o itinerário das personagens libanesas, americanas e vietnamitas e seu contato com o imaginário brasileiro. O

segundo procedimento empregado amparou-se no mapeamento dos espaços onde as personagens estabelecem o diálogo com geografia física e simbólica das culturas. A terceira estratégia empregada afinou-se com a cartografia dos trânsitos representados nas obras, considerando as facetas plurais da alteridade entendida como instância de solidariedade contrapontual dos encontros culturais.

Partindo do exame da obra literária, o trabalho cotejou, ainda, a leitura de artigos, ensaios e livros cuja temática explorava o tópico da alteridade estrangeira. Desse modo, os métodos empregados consubstanciam-se às linhas críticas da Literatura Comparada. Desde seu nascimento, no século XIX, a Literatura Comparada tem atuado como um campo heterogêneo de encontros interdisciplinares, incorporando à sua metodologia os fluxos das correntes teóricas dos séculos XX e XXI. Circunscrita nesses interstícios temporais, a Literatura Comparada tem constituído via de mão de dupla para examinar o literário e suas geografias locais nos mapas globais da diferença.

As matizes deslocadas do comparativismo evidenciam o percurso da outridade, revelando o surgimento de uma prática de leitura guiada pelo mapeamento das singularidades dissonantes. Por conseguinte, a Literatura Comparada abre espaço para investigar “as contra-narrativas da nação que continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas recebem identidades essencialistas’ (BHABHA, 1998, p. 211). A vocação para acolher e doar uma multiplicidade de conceitos-chave faz do comparativismo um lugar de errância que transborda a visão provinciana de olhar somente para si, estudando a presença, o olhar e a marca do outro na textualização de seu ato crítico. O tom problematizador da comparação aponta, assim, a maleabilidade de seus itinerários, intensificando a projeção do local em âmbito transnacional através da imersão nos territórios da transitividade cultural.

Esse traço do comparativismo lembra o que indica Octavio Paz sobre o reconhecimento de que o “espírito é uno, a alma é dispersão, a alteridade” (PAZ, 1994, p.8). Entre o jogo de vozes plurais e o poder de rasura das fronteiras, o fazer comparatista instala um fio condutor de pensamento coerente, mas não estático que transita pelas regiões agrupáveis para dar visibilidade ao caráter conflituoso da horizontalidade do território local e global. Com um pé lá, outro cá: o comparativismo traz embutido o enfoque da obiquidade do trânsito de alteridades, entre as quais são forjados os mapas sobre as formas de habitar o mundo do diálogo. É, portanto, na zona fronteira dos imaginários que se dota o cenário comparatístico da agência articulatória de garimpar novas formas de interatividade crítica.

À cata da coerência interna, o comparatista opera na circunvizinhança de rumos, limites, fronteiras, passagens e trânsitos. O resultado é que os caminhos de reflexão do literário assumem novos vetores que colocam em xeque toda tentativa de apreensão de sentido unívoco para amparar-se na complexidade das comarcas do pensamento

flexível, aderente e móvel das tramas do comparativismo.

Nesse sentido, é salutar fazer referência ao foco de leitura do alemão Henry Remak, cujo esforço intelectual centrava-se em pensar a Literatura Comparada como não detentora de uma metodologia exclusiva, podendo ela aproveitar uma pluralidade de métodos e aportes de contingências teórico-críticas plurais. Por isso, Remak compreendia que a “literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento” (REMAK, 1994, p.175). Espaço de intercâmbios com outros saberes, o comparativismo experimenta a heterogeneidade crítica como princípio para romper suas próprias fronteiras e traduzir as fragmentações do mundo com a advertência de que o local e o global do conhecimento são linhas contraditoras de negociação ininterrupta com as teias das epistemologias do contemporâneo.

Esse alojamento errante na cadeia dos sentidos do texto alheio tornado próprio frisa a postura móvel capaz de traduzir as comarcas do dizer, fazer e sentir na heterogeneidade dos imaginários literários. Como cartografia do movimento textual, a Literatura Comparada atua como limiar transfronteiriço, dando volume à aventura teórico-crítica pelo território de narrativas locais e globais, cujas coordenadas de navegação integram o horizonte da topografia de vidas errantes, nômades e rizomáticas. Para dar conta desse temário, o comparativismo articula criticamente sua mobilidade de leitura repousada no imaginário da distância, da perspectiva móvel, das alteridades em trânsito e da consciência de deslocamento.

Explorando as relações entre o eu e o outro da relação, a Literatura Comparada recoloca, prospectivamente, o jogo dialógico dos trânsitos das temporalidades disjuntivas, como estratégia articuladora de investigação da solidariedade cultural/estética, fomentada desde o movimento os intercâmbios interplanetários. A instauração desse projeto enraíza dinamicamente o magma de trocas culturais, testemunhando a força da interação com as matizes múltiplas do local dentro do global e vice-versa. O traço proteiforme do encontro crítico demonstra a atmosfera de alteridades que residem nas fronteiras de saberes interacionais. O comparativismo localiza-se no fluxo do exame da porosidade dos lugares, de tal forma a gesticular em direção às planícies do interdito, compactando as adjacências de vozes nascidas das relações interculturais.

Como estratégia interdisciplinar, a Literatura Comparada investiga percursos que intersectam coreografias identitárias, sublinhadas pela experiência dos interstícios culturais. Por sua vez, o estudo comparatístico da poética do encontro coloca em pauta uma geografia do desterro, a qual mexe com as zonas de pertencimento provisório, costurando, assim, cenas dos movimentos migratórios dentro da espessura de culturas transfronteiriças, alimentadas da maximização de alteridades reticentes, cujas travessias desatam os fios da linha divisória entre o eu e o outro. A retirada das barreiras do caminho intercultural promove a entrada e a saída de outros meios simbólicos de expansão do livre trânsito pela zona do intermédio da experiência

comparatista.

Lugar de errância, o comparativismo foca a flexibilidade dos marcos regulatórios da tradução do eu diverso, trazendo para sua agenda de trabalho o debate sobre as semioses deslocadas do plano das superficialidades e enraizadas na aventura do esgarçamento da textualidade binária. Destarte, o exame comparado das margens heterogêneas da cultura própria e alheia referenda os interditos de alteridades posicionadas no entre-lugar do texto plural. Mais ainda, o movimento da leitura comparatista amplia o espectro de sua atuação até o continente do diálogo, fazendo-o, por conseguinte, habitar o ecossistema da cultura errante e do olhar dinâmico.

Desde os horizontes caleidoscópicos, a Literatura Comparada transita entre limites da opacidade textual para examinar o movimento de desterritorialização das alteridades interplanetárias, distanciadas da finalidade precípua de separação entre o mesmo e o diverso. A adoção da perspectiva dos limiares permite o comparatista empreender suas diligências críticas pelos arquipélagos das trocas solidárias entre os imaginários do trânsito interdisciplinar. Nesse sentido, o ato comparatista de estar, ser e viver nos entremeios das fronteiras é uma forma realizar, em deriva, a leitura contrapontual dos textos literários contemporâneos. Como marca de uma geografia dos contatos, esses textos são examinados sob a égide do olhar posicionado dentro e fora do contexto das inter-relações planetárias.

Nesse contexto de relações transversais, pensar a Literatura Comparada é explorar as redes de conjunção, desvendar o cenário das trocas e trançar os fragmentos da paisagem do texto literário ao exercício crítico da movência dos saberes. Através da travessia dentro e fora da trama do comparativismo, tem-se a possibilidade de estabelecer nexos entre o que existe de relacional e singular, cartografando a força do trânsito de culturas. Trançando olhares plurais, o comparativismo vislumbra os laços de pertencimento ao rizoma do encontro, girando em torno das constelações sintomáticas do intercâmbio simbólico das culturas em deslocamento.

Por tal caminho, o estudo das obras de Ana Miranda e Adriana Lisboa primou pelo deslocamento entre as fronteiras de uma leitura que se constrói a partir do diálogo transitivo entre os lugares do discurso e os sentidos dos lugares como conceitos-chave para repensar a articulação entre o local, o nacional e o planetário na cartografia da alteridade estrangeira. Sugere-se, assim, a travessia entre os arquipélagos do comparativismo praticado no entre-lugar da solidariedade interplanetária do texto literário plural, mas singularizado nas formas de habitar o mundo através das mobilidades transculturais e os traços da poética comparatista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo da cartografia da alteridade estrangeira na narrativa de Ana Miranda e Adriana Lisboa apresenta como resultados a perspectiva de que a presença do

estrangeiro não é mero exercício de retórica. Ao contrário, constitui uma das maneiras de compreender as contingências de personagens deslocadas, migrantes, nômades, errantes e diaspóricas, figuras máximas da geografia interplanetária dos séculos XX e XXI.

Nessa perspectiva, é importante observar como cada uma das narrativas figura o estrangeiro como elemento de conexão entre os imaginários culturais, apostando na lógica de solidariedades contemporâneas amparadas pela textura das condições fronteiriças. Assim, o romance *Amrik* torna-se exemplar da estética da movência cuja memória aponta para dentro e fora da geografia ocidental e oriental. A estrutura da obra é bem singular: onze partes nomeadas como pista para o leitor desvendar os segredos das personagens em deslocamento pelos territórios libanês e brasileiro.

A narradora do texto é Amina, estrangeira libanesa que migra para os Estados Unidos e, finalmente, para o Brasil, à procura de fazer companhia ao seu tio, o conterrâneo Naim. Os espaços da ação são o Líbano, os Estados Unidos e o Brasil, geografias físicas e simbólicas onde Amina e Naim expandem as redes de cooperação com outros agentes culturais como Jamil, Maimuna, Farida, respectivamente pais e avó da narradora. O tempo narrativo vivido pelas personagens é o século XX, flagrando a cena dos fluxos migratórios como desdobramento das temporalidades móveis e simultâneas conjugadas pelo sujeito migrante contemporâneo.

Livro de não mais de 200 páginas, *Amrik* contém títulos introdutórios em cada página de acordo com o assunto e é capaz de nos fazer sentir como se estivéssemos exilados do Líbano, procurando no Brasil algum tipo de refúgio disfarçado de lar. Amina, que é obrigada a acompanhar o tio cego e fugitivo dos mulçumanos por questões religiosas, parte para a América (*Amrik*, com sotaque árabe).

Em *Amrik*, figuram-se questões globais como exílio, migração, consequências de guerras, globalização, culturas e também questões internas e interpessoais, como a alteridade, nacionalidade, nosso comportamento diante ao outro e ao desconhecido. Amina constrói uma dupla nacionalidade – ou *plurinacionalidade*, se levarmos em consideração a quantidade de culturas que ela obteve contato no amontoado de imigrantes que também habitavam em São Paulo – em pouco tempo. Seus costumes libaneses, tais como a dança e culinária, se mesclaram com a cultura brasileira durante a sua adaptação no país.

Ana Miranda trata da globalização e as misturas culturais na metrópole de São Paulo de maneira muito bem desenvolvida, de forma que esses elementos externos influenciam na desenvoltura interna da personagem. Tais tópicos que Ana Miranda delibera em seu livro *Amrik* são conteúdos bastante discutidos a partir do século XXI, na literatura contemporânea brasileira, onde diversos artistas expõem esses assuntos de supranacionalidade, alteridade e engajamentos sociais; resultados de um século caracterizado pelo movimento e deslocamento.

Indo por essa vereda interpretativa, *Amrik* desenvolve-se a partir da poética da relação entre libaneses posicionados no território brasileiro, figurando o encontro de

vidas múltiplas. O jogo da interação estabelecido pelos de fora e os de dentro, indo na direção do que aponta Julia Kristeva, não busca:

Fixar, coisificar a estranheza do estrangeiro. Apenas tocá-la, roçá-la, sem lhe dar estrutura definitiva. Simplesmente esboçar o seu movimento perpétuo através de alguns rostos disparatados desfilando hoje sob nossos olhos, através de algumas de suas imagens antigas, mutantes, dispersas na história (KRISTEVA, 1994, p. 10).

Por isso, as travessias da estrangeira Amina constituem portos de figuração, onde os lugares do narrar se misturam constantemente, para dimensionar os traços da estrangeiridade que aproxima e distancia o próprio e alheio. Posicionadas nesse limiar da voz de dentro e de fora, o texto de Ana Miranda traz pistas de como o outro se perde e se encontra no deslocamento. Neste mapa literário, desenha-se a jornada de alteridades libanesas e brasileiras, cujas direções cartografam o intercurso de vidas imantadas pelo presságio da importância de desvendar o outro de si, para expandir a cadência dos limiares interculturais. Abrindo as paisagens do encontro para o processo de travessias dentro e fora do imaginário brasileiro, o texto de Ana Miranda testemunha as experiências das relações entre o eu e o outro, projetando percepções de relações interpessoais, amparadas na estética da tradução cultural.

Ao narrar o interlúdio das tensões do encontro, a escrita de Miranda cartografa a visão que o estrangeiro lança sobre ao caráter híbrido da cultura brasileira. Através da recolha dos vestígios desse mundo feito de mediações culturais, a narradora Amina caminha por zonas de interação, onde são fecundadas infinitas redes de alteridade, aportando no território da cultura própria e alheia para desenhar o mapa simbólico da descoberta de si e do vir a ser outro.

Os lugares de narrar o próprio e alheio de Amina testemunham desvios para habitar o espaço zonal da heterogeneidade do encontro consigo mesma e o outro libanês e brasileiro. Destarte, mundos são reconectados e os tempos são redefinidos pelo ritmo das cartografias e tranças do outro na poética da relação traduzida pelos narradores de dentro e fora do imaginário intercultural.

Em *Amrik*, figura-se, portanto, o outro no limiar dos fluxos migratórios de falas ambíguas que rasgam a capa da superficialidade do estereótipo, com vistas a riscar outros itinerários, onde o traço fecundante esteja imantado pela consciência paradoxal da diferença e alteridade.

os mascates se tornaram perigosos sujos traiçoeiros ambiciosos usuários, Pettola a culo cacala dizem que levamos faca escondida na bota mas nem bota usamos bota, que somos turcos mas não somos turcos, que somos ladrões feito os ciganos, fazemos orgi noturna raptamos crianças, sujamos as ruas deles, dependuramos roupa na janela nas varas de bambu mas isso fazem as chinesas [...] fazemos mesmo umas coisas erradas mas não somos o que eles pensam, libaneses são limpos, cultos, temos a Université dos jesuítas e a Universidade Americana, sabemos falar inglês grego francês, sabemos ler escrever, inventamos álgebra astronomia matemática, os algarismos arábicos o alfabeto [...] (AMRIK, p. 52)

Entendida a configuração da alteridade estrangeira em *Amrik*, passemos, então, à análise da obra *Hanói*, da escritora Adriana Lisboa, que aborda reflexões existenciais

do ser introduzidas, principalmente, pelos personagens de David, 32 anos, e Alex, 22. A história de amor contada no livro é cercada de questões de cunho social, uma vez que a obra focaliza o hibridismo na nacionalidade dos personagens: ela, descendente de mulheres vietnamitas e ele, descendente de um pai brasileiro e mãe mexicana, acabam por terem seus destinos traçados na cidade de Chicago, em Illinois, espaço onde dá-se a narrativa.

Com a voz na terceira pessoa variando entre pontos de vista de David e Alex, nos é apresentada a história diversa dos protagonistas e vemos, então, o caminho trilhado separadamente que os levou ao encontro entre si e o corolário proporcionado. Alex é mãe solteira que concilia o trabalho na loja de Trung, também vietnamita, e a faculdade. Sua mãe e avó preferem a cidade pequena e, por isso, Alex mora sozinha com seu filho Bruno, uma criança de 4 anos que adora basquete devido à influência daquele que ele acredita ser seu primo (e é, na realidade, o seu pai). O pai de Bruno mantém uma relação distante com o filho, pois o caso secreto que tivera com Alex colocaria seu casamento em risco, e isso dá à Alex a solidão em sua autonomia materna. Além de formar-se e focar em seu filho, Alex não possui tantas expectativas futuras, especialmente no quesito amoroso. Isso deve-se ao fato de ela ainda ser apaixonada pelo pai de Bruno, a quem conheceu durante o Ensino Médio, nas aulas de Educação Física.

Ademais, ao redor de Alex, temos sua mãe Houng, sua vó Linh, e seu patrão Trung. Os três que vieram do Vietnã para Chicago após A Guerra do Vietnã, da qual o livro faz diversas referências, formam, junto com Bruno, a família de Alex. Isso até que David apareça na loja em que ela trabalha e eles construam uma relação amigável que aos poucos evolui para um outro sentimento. David é trompetista, possui uma grande paixão com a música e descobriu recentemente que tem glioblastoma multiforme (conhecido também como tumor cerebral), de forma que lhe resta apenas alguns meses de vida.

Dessa forma, no processo de aceitação da doença, decide se demitir do trabalho em uma loja que há tempos despreza, vende seus móveis e bens materiais preciosos e se despede das poucas pessoas que retém em sua vida, porém, nessa sessão de desapego, é fisgado por Alex, a balconista de uma loja de produtos orientais, mudando o rumo de seus meses.

Em David, especialmente, temos o aspecto de vida e morte tratado de forma bruta e crua. Vemos a negação, o medo, o desespero, a solidão, o processo de aceitação, a esperança, a conformação. David não dispõe de uma família vasta e próxima e nem de um grupo diverso de amigos. Sua mãe, mexicana, o abandonara ainda criança, e ele não mantinha contato com a família do pai, uma vez eles moravam no Brasil. Sua ex-namorada, Lisa, o largara porque o personagem é inerte em relação aos seus problemas e ao seu futuro.

A morte parecia muito mais estranha: como é que aquilo que era se torna o que não é mais? Como é que uma pessoa, um bicho ou mesmo uma planta com que

você convivia, que durante um tempo se esforçou para construir uma existência em torno de preferências, incapacidades, intolerâncias, ciclos, como é que tudo isso se retirava do universo em um instante? (HANÓI, p. 123)

David, então, encontra-se sozinho, com a companhia apenas de seu cachorro e seu trompete. Até entrar em uma loja aleatória de artigos orientais e conhecer Alex, com quem logo desenvolve uma afinidade. A intimidade cresce a cada encontro, ao ponto de se considerarem família; David desenvolve amizade também com Trung e até mesmo com Bruno, um sentimento genuíno que não se deixa afetar pela marcação limitada dos dias restantes no calendário cerebral de David.

Temos dois fatores bastante presentes no decorrer da história: a importância da música e da estrangeiridade. A junção das culturas latinas e orientais em um romance contemporâneo como *Hanói* promove a diversidade e representatividade de etnias pouco abordadas, fazendo referência de cunho social e histórico, como quando descreve a transição de David e sua família brasileira para Chicago ou com histórias da época da Guerra do Vietnã e as consequências do acontecimento para com os vietnamitas.

Trung e Huong, a mãe de Alex, se entendiam. Trung e Linh, a avó de Alex, se entendiam. Os três eram irmãos que a guerra havia reunido dentro de um buraco, um fosso. Lá em cima havia luz e ar puro, mas não era para eles. [...] Na guerra, todos perdem, todos esgarçam sua humanidade para que a ideia de uma violência extrema caiba ali, e depois o que fazer com os trapos? Depois os trapos grudam na sua pele como se fizessem parte dela. Como se de fato uma chuva de napalm tivesse caído sobre você. E se você não morre, nunca mais terá como tirar a guerra da própria pele. (HANÓI, p. 45-46)

Singelamente, “Hanói” expõe um leve choque de realidade ao tratar desses assuntos que carregam uma bagagem pesada em si pela responsabilidade que o autor deve ter com a veracidade dos acontecimentos e a sua representação, algo muito bem manuseado por Lisboa, que obteve conhecimento de tais experiências ao trabalhar com um grupo de refugiados em Denver.

A cidade Hanói se torna o último anseio de David, que deseja visitar a cidade da família de Alex antes de falecer. Alex se voluntaria para acompanhar David, considerando que este se encontra fragilizado diante de uma doença que não tem cura e ela mesma nunca visitara o local de onde reside o seu passado. Ao final, a breve história de amor que durou meses e reverberou limites temporais e geográficos é imortalizada na capital de Vietnã e nas escrituras de Adriana Lisboa.

Em *Hanói*, a figuração do estrangeiro realiza-se através da releitura do lugar no mundo das personagens Alex e David – sujeitos deslocados que migram para além da geografia física. Como lugares de interconexão de corpos, memórias e heterogeneidades, o texto de Adriana Lisboa trata da condição de estrangeiros que carregam, em si mesmos, o outro. Os percursos dos estrangeiros Alex e David abraçam a lição de que:

Eu olho o Outro – mas a imagem do Outro veicula também uma certa imagem de mim mesmo. É impossível evitar que a imagem do Outro, a nível individual

(escritor), coletivo (uma geração), não surjam também como a negação do outro, o complemento, o prolongamento do meu corpo e do meu próprio espaço (PAGEAUX, 1996, p.61).

Ao adotar esse procedimento de escrita, Hanói gravita em torno da concepção de que “*O estrangeiro é o outro rico de conteúdo para diálogos e trocas, livre das oposições antagônicas, só será possível com a desconstrução do conceito de nação e fronteira geográfica em termos culturais*” (BERND, 2007, p. 250). Em *Hanói*, o movimento em direção ao registro do que particulariza, solidariza e fricciona os imaginários transporta a senha de acesso ao portal das figurações das mobilidades dos saberes, práticas e contatos recolhidos da travessia pela fronteira de alteridades múltiplas.

Mais ainda, inscrito na estrada de repactualizações embaladas pelo mapeamento de vozes plurais, *Hanói* estampa itinerários híbridos e vidas nômade que (re)escalam as muralhas do tempo pedagógico, para registrar, performatizando, o encontro de vidas cujas saliências identitárias escorregam pelas brechas do olhar que cartografa traços da paisagem brasileira, americana e vietnamita.

Do (des)encontro entre fronteiras, *Hanói* forja-se a partir da poética da relação, promovendo o colóquio disjuntivo de latitudes reposicionadas, para além da viagem à própria geografia, trançando múltiplos (e)ventos da polifonia da diferença disseminada entre espaços dialógicos, cujos atritos com o outro chancelam o mapa da alteridade estrangeira na territorialidade literária de Adriana Lisboa.

Conjugando uma mirada crítica centrada no olhar vertical e horizontal, Amrik e Hanói testemunham a configuração do percurso errante, nômade, transfronteiriço e intercultural de personagens conectadas à textura de mobilidades subjetivas, culturais e literárias.

De maneira singular e diversa, as escritas de Ana Miranda e Adriana Lisboa estampam paisagens transnacionais, indicando como muitos lugares de cultura foram apagados da memória do contato entre os continentes. Essas geografias simbólicas do encontro ajudam a montar um quadro dos deslocamentos, em escala mundial, aquecendo o fluxo representacional de como o estrangeiro interfere na (re)constituição do imaginário dos diálogos transfronteiriços, ampliando o espectro de atuação simultânea do atravessamento entre culturas.

Num cenário em que tudo se desloca, tudo muda de lugar e que as mobilidades culturais testemunham a dinâmica do pensamento da errância, os dois romances permitem ao comparatista embrenhar-se no prazer de traduzir a alteridade móvel, vasculhando a zona do imaginário da narrativa para mapear as dicções da voz, o silêncio da passagem, a poeira do olhar, a reticência do eu e a fratura da homogeneidade.

Por sua vez, o olhar daquele que examina o texto literário e o olhar deste último se encontram na zona da palavra estrangeiro. Um é estranho ao outro, mas, principalmente, ambos são estrangeiros a si mesmos, localizando-se comparatista e texto na filigrana da estrangeiridade do jogo da mediação entre uma multiplicidade de percepções.

Ao esticar redes contactuais, *Amrik* e *Hanói* testemunham, enfim, a força das interações de histórias locais e projetos globais estabelecidos entre libaneses, americanos, mexicanos, vietnamitas e brasileiros, figurando o trânsito intersemiótico, cultural e estético desenhado na trajetória de personagens cuja meta primária é aprender a experimentar as marcas da diferença. Por tal via de mão dupla, a poética da alteridade estrangeira é uma forma de mapear as zonas de interação, dando volume à atmosfera dos encontros transculturais na narrativa brasileira.

CONCLUSÕES

Ficando no objetivo de mapear a cartografia da alteridade em Ana Miranda e Adriana Lisboa, a presente pesquisa traz como conclusões: 1) *Amrik* e *Hanói* são obras que tratam da mobilidade cultural, estética e interplanetária, figurando, especialmente, a migração da alteridade libanesa, americana, vietnamita e brasileira como zonas de solidariedade que fricciona os imaginários ocidental e oriental; 2) O deslocamento da alteridade libanesa, americana e vietnamita pela comarca brasileira frisa a cena das triangulações em torno da língua, espaço e imaginário; 3) A poética da alteridade, finalmente, nasce da experiência do movimento entre as fronteiras da cooperação entre o próprio e alheio das culturas. Sendo assim, a principal discussão estabelecida abraça o horizonte da premissa de que urge observar o contexto de figuração do estrangeiro como espaço de solidariedade em que o encontro com o outro serve de senha interpretativa para dimensionar o traço inconcluso das redes literárias e sua (inter)comunicabilidade teórica, crítica e estética.

REFERÊNCIAS

ABDAJA JUNIOR, Benjamim. **Literatura comparada e relações comunitárias, hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____. **Poder simbólico e comunitarismos: fluxos ibero-afro-americanos**. In: JOBIM, José Luis. Sentido dos lugares. Rio de Janeiro, ABRALIC, 2005.

_____. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**. São Paulo, SENAC, 2002.

_____. (Org). **Margens da cultura: mestiçagens, hibridismos & outras misturas**. São Paulo, Boitempo, 2004.

BERND, Zilé. **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. 1.. ed. PORTO ALEGRE: EDITORA DA UNIVERSIDADE/UFRGS E TOMO EDITORIAL, 2007.

_____. **Identidades e estéticas compósitas**. Porto Alegre Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____. **Dicionário de mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre; Literalis, 2010.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISBOA, Adriana. **Hanói**. Rio de Janeiro, Alfaguara, 2013.

MIRANDA, Ana. **Amrik**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Musas na encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada**. Org. Marcelo Marinho et al. Frederico Westphalen, RS; URI, 1996.

PAZ, Octavio. **Convergências: ensaios sobre a arte e literatura**. Trad. Moacir Wernech. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

REMAK, Henry H.H. **Literatura Comparada: definição e função**: In: COUTINHO, Eduardo F. CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, p.175-190.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-377-4

